



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013
ISSN 1982-3657



UMA REFLEXÃO ACERCA DO AMBIENTE FAMILIAR E AGRESSIVIDADE INFANTIL NA ESCOLA..
Raphael Silvano Ferreira Silva [\[1\]](#)

Eixo Temático: Nº 11. Educação, Sociedade e Práticas Educativas

Resumo

Este trabalho procurou investigar e entender os comportamentos agressivos na *escola* a partir das relações familiares. Porém, sem utilizar uma análise fechada da família e nem da *escola*. Procurei tentar compreender as dinâmicas sociais nas quais estão inseridas as crianças e os espaços estudados. Como se estabelecem as relações de agressividade? Pretendi entender e propor possíveis soluções para as questões relacionadas à *agressividade infantil*, relacionando-as com o ambiente familiar e seu *habitus familiar*, influenciados pelo espaço social em que se inserem.

Palavras-chave: *escola, habitus familiar, agressividade infantil.*

A reflection on the family environment and aggression in school

Summary

This study sought to investigate and understand aggressive behavior in *school* from family relationships. However, without using an analysis of family and closed or school. I tried to understand the social dynamics in which they operate (social context) children and spaces studied. As relationships are established aggressiveness? Intended to understand and propose possible solutions to issues related to *child aggression*, relating them to the family environment and his *family habitus*, influenced by the social context in which they operate.

Keywords: *school, family habitus, child aggression.*

1. Introdução

Um tema bastante recorrente na sociedade atual, e que podemos vivenciá-lo em nosso dia-a-dia, principalmente em grandes cidades da América Latina e do mundo, trata-se da violência em geral. Tão discutida e em evidência, tem seus desdobramentos, segmentos, e se difunde em diversos setores da sociedade.

Os índices de violência na América Latina e no mundo em geral, são objeto de bastante investigação, indagação e indignação diante do cenário atual da sociedade mundial dita globalizada. Assim como as desigualdades sociais e as macro e microviolências a que são submetidas pessoas em diversos espaços, como: doméstico, de produção, de mercado, da comunidade, da cidadania e mundial, como nos mostra (SANTOS, 2000 p. 381), chamando-os de espaços estruturais[2]. Não acredito que existam somente esses espaços, mas concordo com o autor no que tange a maior relevância destes espaços nas relações sociais, econômicas, culturais, políticas etc, em que vivem os cidadãos. Ao citar estes espaços entendo que a sociedade comporta um conjunto de fatores que a formam, mudam, conceituam e reconceituam permanentemente.

O cenário latino-americano tem vivido uma inquietação com questões relacionadas à pobreza, ao desrespeito aos direitos humanos e à violência. Não podemos deixar de analisar estes problemas de uma forma geral, para não cairmos no risco de isolar os fatos e não os entendermos por completo. O presente trabalho tem a pretensão de entender às dinâmicas da formação do indivíduo agressivo, a partir das suas relações familiares, que na verdade estão dentro de todos os espaços estruturais já citados por SANTOS.

Um dos setores em que se enraízam tais desdobramentos, é a escola. Temos visto diariamente nas mídias e também "in loco", situações que nos chamam atenção. Sendo amplamente divulgados nas mídias sociais. São ex-alunos que retornam as instituições educacionais de origem e matam colegas. Crianças que se "engalfinham" corriqueiramente em pátios, salas de aula, corredores etc.

Nós educadores, temos visto estes fatos se tornarem cada vez mais frequentes em nossas relações de trabalho e sociais como um todo. Levando-me a crer que um profundo estudo tenha que ser feito, para ao analisarmos as micro e macroestruturas envolvidas nos processos educacionais possamos criar meios e soluções para o enfrentamento do que a sociedade e nós educadores enxergamos como um problema seriíssimo dentro das instituições educacionais, produtoras de consequências catastróficas fora desses espaços, resultando em um substancial aumento do caos social existente.

A comunidade educacional tem o dever moral e ético de entender este cenário em uma dimensão holística - total - sem separarmos os espaços, e sim, entendermos como eles se relacionam e interagem, como se afetam, quais as implicações etc.

Para podermos buscar alternativas e possíveis soluções para estes problemas, serão analisadas neste trabalho as relações familiares e suas influências nos comportamentos agressivos na educação infantil. Para isto, temos que entender como se formam os indivíduos de nossa sociedade e em que contextos.

2. A comunidade estudada e seus reflexos na escola

A comunidade estudada contempla famílias da classe trabalhadora / camada popular, das regiões de Palmeiras, Teixeira de Freitas e Caramujo, no município de Niterói – RJ, Brasil. Estas comunidades onde as famílias dos alunos estão inseridas, são comunidades dominadas pelo tráfico de drogas, e que exercem o poder paralelo como se "tutores" fossem destas comunidades, ostentando poder econômico, social, coercitivo e arbitrário dentro destes espaços. Este cenário torna-se importante, pois é neste espaço onde as crianças e suas famílias vivem e passam o tempo. Tendo suas vidas regidas pelo poder paralelo dentro do espaço comunitário, sendo muitas vezes violentadas fisicamente e assistindo violências físicas em seus espaços comunitários.

No espaço doméstico, tendem a serem repetidas as práticas de agressividade física vistas nos seios das comunidades em análise. Os espaços de convivência familiar e seus integrantes - não necessariamente os pais - repetem em seus filhos ou em seus "inferiores" hierarquicamente (no ambiente familiar) os castigos, reprimendas e violências aplicadas pelos "donos das comunidades".

O poder público por sua vez, não consegue interpenetrar nessas comunidades tornando praticamente legitimadas essas práticas de governo paralelo feito dentro desses espaços comunitários e domésticos.

As mídias também possuem influência dentro desses espaços, quando vimos diversos anúncios onde o comprar se torna quase obrigatório. Onde produtos caríssimos são postos à "disposição de todos". Porém, não todos, somente os abastados ou os chefes do tráfico que através de seu enriquecimento ilícito ou da coerção através da força que os armamentos lhes dão, dispõem de recursos financeiros e meios para tal. Quando em filmes, novelas e seriados de TV, projetam seus heróis através de atos violentos (físicos e

mentais), com armas, destruições em massa etc. Todas estas influências tem efeito direto dentro dos espaços de convivência familiar.

O presente trabalho vem mostrar que isto se reflete também dentro dos espaços educacionais através da agressividade manifestada na forma de violência física dentro destas instituições. Estas violências ocorrem entre os próprios alunos, que se ferem, machucam e não parecem ter qualquer tipo de pudor ou compaixão para com os "colegas" agredidos. Neste sentido acompanho o conceito de (BOURDIEU, 1983 p. 65), quando nos fala sobre o conceito de *habitus* [3] e que chamarei de *habitus familiar*:

(...) um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas (...) (BOURDIEU, 1983b, p. 65)

Neste pensamento o autor, tem como visão de *habitus*, tudo aquilo que é realizado no ambiente em que o indivíduo está inserido e em suas práticas cotidianas, dotada de símbolos e códigos inerentes ao contexto vivido pelo ser social.

Ou seja, as relações de família perdurarão nas ações do indivíduo, todo o impacto das relações vivenciadas no cotidiano, será visto em suas práticas sociais. Todo o arcabouço de experiências vividas transforma-se em práticas sociais. O ambiente familiar cheio de símbolos, significações e costumes, estará inculcado no ser, pronto para eclodir através dos indivíduos vindos destes mesmos ambientes familiares.

Sendo assim, os hábitos de agressão física vivenciada dentro do espaço doméstico - no seio da família - poderão ser repetidos dentro de outros espaços, e assim eles chegam também à escola.

3. Metodologia

A metodologia utilizada foi inspirada em (LAHIRE, 1997), onde o autor utilizou uma pesquisa de caráter antropológico-etnográfico, buscando através de entrevistas nas famílias fazer suas análises. Neste caso as entrevistas foram feitas com as próprias crianças para entendermos as dinâmicas familiares a partir de seus olhares. Desta forma dividi a pesquisa em etapas.

3.1. Primeira Etapa

Foram escolhidas para a análise duas turmas de alunos de 1º e 2º ciclos do ensino fundamental, uma de 1º ano e outra de 3º ano, seus alunos variavam a idade de 6 a 7 anos e 9 a 13 anos respectivamente. Cada turma abarcava 15 alunos em suas composições. Ambas as turmas pertencem à Escola Municipal de Niterói Djalma Coutinho de Oliveira, pertencentes às comunidades do Caramujo, Teixeira de Freitas e Palmeiras, comunidades da classe trabalhadora / camada popular do município de Niterói – RJ.

3.2. Segunda Etapa

Além das minhas próprias constatações a partir das aulas de educação física por mim ministradas, consultei as duas professoras regentes das turmas e os funcionários da escola, como: inspetora, coordenadora de turno e merendeiras. Estes funcionários também vivem o dia a dia da escola, observando os alunos nos diversos espaços de convivência do ambiente escolar. Estas consultas tiveram como finalidade identificar os alunos que apresentavam na escola um comportamento de agressividade exacerbada para os padrões escolares esperados.

3.3. Terceira Etapa

Com a identificação dos alunos agressivos feita, foram realizadas entrevistas (ver roteiro em anexo 1) através de áudio, tanto com os alunos não agressivos, quanto para os agressivos.

3.4. Quarta Etapa

Foram interpretadas e confrontadas as respostas dos alunos, tanto os agressivos, quanto os não agressivos e suas dinâmicas familiares.

4. Conclusões

Foi constatado no estudo feito, que boa parte dos componentes que integram as relações familiares necessita trabalhar durante todo o dia, dado o contexto econômico. Desta forma, passam bastante tempo fora de suas residências. Muitas vezes, deixam as crianças com seus consanguíneos, vizinhos, ou familiares não consanguíneos. Estas relações se estabelecem na maioria das vezes pelo fato econômico ser o desencadeador da ausência efetiva dos pais na educação dos filhos. Refiro-me a ausência presencial, a falta da presença física. Neste cenário, muitas vezes não conseguem ter o conhecimento de onde e como passam o dia.

Vi que muitas crianças não passam o dia na própria residência, outras não possuem o hábito de estudar em casa, vivem vendo televisão durante o restante do dia, e outras vivem em um "vai e vem", onde não adquirem um local como referência.

Estas relações recebem influência econômica de forma direta, sendo as classes trabalhadoras marginalizadas, colocadas em locais de difícil acesso, desprovidas em sua maioria de serviços básicos eficientes (infraestrutura), habitando pequenos espaços na relação pessoa/m², estabelecendo-se assim um sistema de "amontoados de pessoas" em residências com espaço reduzido.

4.1. A refletividade do *habitus familiar* na escola

Foi detectado em grande parte das entrevistas que o ambiente vivido em casa ou nas relações dinâmicas de família era reflexo direto das práticas cotidianas a que vivenciavam. Muitos relatos nos mostram que o ambiente doméstico vive uma intensa profusão de agressividade. Talvez por serem submetidos a cargas estressantes de trabalho diário e a ambientes de competitividade exacerbada em seus postos de trabalho, possam apresentar dentro de seus espaços domésticos um comportamento agressivo, de imposição de vontades e punições por contrariedades através da força física. Estabelecendo através de posições definidas hierarquicamente, seus desejos, vontades e punições quando contrariados. Em várias oportunidades eram detectadas situações de violência física entre os adultos, dos adultos para com as crianças e das crianças entre si, onde nada mais era do que a repetição das ações vistas e vividas pelas próprias crianças.

Geralmente essas crianças que relatavam já terem sofrido ou presenciarem as agressões físicas ou castigos corporais, apresentavam comportamento semelhante nas aulas de educação física, nas aulas ministradas pela professora regente de turma e nos tempos livres dentro do ambiente escolar.

Na faixa etária da população pesquisada, talvez seja mais notada esta influência, já que não são muitos que ficam o dia na rua, ou fora do contexto familiar como um todo. A maioria das crianças que não passa o dia em casa, fica com algum parente ou vizinho. Isto pode ocorrer, devido à própria faixa etária destas crianças, que na opinião dos responsáveis inspira um "cuidado" maior.

Muitas crianças apresentavam comportamentos consonantes aos que vivenciavam nas relações familiares. O lugar onde passavam a maior parte do dia (casa da avó, vizinho, casa da tia etc.), geralmente denotava em um comportamento similar do aluno no contexto escolar.

Nos casos dos alunos com um nível de agressividade acima da normalidade esperada pela sociedade em um ambiente escolar, isto se torna mais latente, a maioria (quase absoluta) relatou ser agredido fisicamente de forma constante, ou já ter sido. Relatavam também que presenciavam cenas de castigos corporais entre membros da família ou do ambiente em que eram inseridos.

Sendo assim, principalmente nesta faixa etária - já que os responsáveis dispensam uma maior atenção para com as crianças e não permitem que os mesmos fiquem muito tempo pelas ruas - podemos dizer que o hábito herdado das configurações familiares, assim como as suas formas de se relacionarem, contribui de forma bastante contundente para a formação das práticas agressivas no ambiente da escola.

4.2.1. Possibilidades Macroestruturais

Algumas possíveis soluções podem ser suscitadas a partir deste artigo. Porém deverão ser pesquisadas para podermos chegar a algumas soluções com maior embasamento.

Uma delas refere-se à proposição de novas políticas de segurança pública, onde os cidadãos não se sintam reféns dentro de suas próprias comunidades. Onde teriam outras referências e hábitos dentro de suas comunidades.

Outro aspecto relacionado às questões da violência no espaço doméstico consiste na atuação e na forma com que a mídia trata estes casos. Ao não transformar em heróis seus protagonistas armados e promotores de massacres, estará dando o primeiro passo para a não criação de hábitos agressivos no cotidiano das instituições familiares.

As mídias também contribuem para o desenvolvimento da agressividade quando promovem uma verdadeira indústria do consumo, transformando as mercadorias em verdadeiros objetos de poder quando conquistados. Porém, só serão acessados pelo que chamarei de "Nobreza do Poder Paralelo", constituída pelos chefes do tráfico, seus parentes, amigos etc. Estimulando a comunidade a desenvolver um modo de vida semelhante aos dos traficantes, de hábitos violentos, de imposição pela força física na conquista de seus intentos.

4.2.2. Possibilidades Microestruturais

Um dos espaços que entendo por microestruturas é o próprio espaço doméstico do ambiente familiar, e o outro, a escola. Este diálogo entre escola e família precisa existir de forma permanente, onde a escola desenvolva estratégias que possibilitem conscientizar os integrantes da família sobre a importância dos hábitos familiares na formação do indivíduo e no desenvolvimento de sua formação como um todo. Estas novas formas de constituição das ações no espaço doméstico poderão proporcionar a estas crianças uma nova forma de crescer, se desenvolver, de ver a vida. Mais conscientes de suas ações, desenvolvendo hábitos mais saudáveis, mais solidários, menos violentos, de mais respeito ao próximo. Promotores da diminuição de desigualdades, e principalmente, engajados nas lutas paradigmáticas e subparadigmáticas, como diz (SANTOS, 2000 p.211), ou seja, atuar nas micro e macroestruturas por uma sociedade mais autônoma, menos desigual, menos violenta e de respeito aos humanos e seus direitos, além de compreenderem e cumprirem os seus deveres de forma consciente. Este será o momento em que chegaremos ao que (FREIRE, 1987 p.53) já nos disse há muito tempo e denominou de *inédito viável* [4]. Neste caso o *inédito viável* seria a formação do ser integral, chamado por (FREIRE, 1987 p.42) de *Ser Mai* [5], o ser consciente de seu espaço na sociedade, criador e criatura – ao mesmo tempo – de seu próprio mundo.

[1] Mestrando em Educação do Programa de Processos Formativos e Desigualdades Sociais – Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), RJ, Brasil. Especialista em Pedagogia Crítica da Educação Física pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), RJ, Brasil. Graduado em Licenciatura Plena em Educação Física pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRuralRJ), RJ, Brasil. Professor dos municípios de Niterói - RJ e Rio de Janeiro – RJ, atuando na disciplina de Educação Física. Coordenador do Projeto Mais Educação – Governo Federal - na Escola Municipal Djalma Coutinho de Oliveira situada no município de Niterói – RJ, Brasil e tesoureiro do Conselho Comunidade Escola (CEC) da mesma instituição educacional.

[2] Para um maior detalhamento no que se refere aos espaços estruturais, procurar em (SANTOS, 2000 p. 381).

[3] Bourdieu, P. em *Sociologia*, 1983. Cria o conceito de habitus, como sendo a realidade herdada dos meios provenientes da pessoa. Sendo este, sempre associado às questões da desigualdade e este processo identitário relacionado a discrepância entre as classes sociais – elites dominantes e trabalhadoras.

[4] Para mais informações sobre o conceito de inédito viável, ver em (FREIRE. 1987 p.53).

[5] Trata-se do homem consciente de seu espaço no mundo, de como se produzem suas ações endógenas e exógenas. Assim como, as interrelações entre os ecossistemas existentes.

Anexo 1

Roteiro norteador das conversas com os alunos.

- 1 - Nome:
- 2 - Quais as pessoas que residem com você?
- 3 - Quem é / são as pessoas mais importantes para você? Por quê?
- 4 - Como é a relação dos pais? Se separados, qual a frequência de contato com os mesmos?
- 5 - Qual a profissão ou em que trabalham os pais e as pessoas que moram com você?
- 6 - Como e onde costuma passar o dia fora da escola?
- 7 - Estudaria ou obedeceria a pessoa que "mais gosta"?
- 8 - Alguém em casa ou onde passa o dia, costuma chamar a sua atenção e dar bronca em você? De que forma?
- 9 - Já "apanhou" ou "apanha"? Recebeu castigos físicos ou corporais? Com que frequência ocorre?
- 10 - Costuma ficar ou já ficou de castigo? Qual a frequência?
- 11 - No seu ambiente familiar, possui o hábito de ouvir e falar palavrões? Com que frequência? Em caso de afirmação, não falaria se a pessoa que você mais gosta lhe pedisse?
- 12 - Costuma ver e ouvir discussões em casa? Com que frequência?
- 13 - As pessoas da família tem o costume de brigar, inclusive fisicamente?
- 14 - Me diga como é um dia da sua vida?
- 15 - Se quiser se abrir e falar qualquer coisa da sua vida fique a vontade:

OBS: Cabe ressaltar que o roteiro não é fechado, assim como a linguagem utilizada na entrevista. A mesma era adaptada de acordo com a criança entrevistada e suas formas de se comunicar.

Bibliografia

BOURDIEU, P.; **Sociologia**. Organizado por Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983.

FREIRE, P.; **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LAHIRE, B.; **Sucesso escolar nos meios populares - as razões do improvável**. Tradução de Ramon Américo Vasques e Sonia Goldfeder. São Paulo: Ática, 1997.

SANTOS, Boaventura de S.; **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. Para um novo senso comum. A ciência, o direito e a política na transição paradigmática, v. 2. São Paulo: Cortez, 2000.